

UMA ANÁLISE DO USO DO TEMPO LIVRE DOS JOVENS DO BAIRRO SANTO ANTÔNIO (JUIZ DE FORA - MG: DA AMEAÇA SOCIAL À POSSIBILIDADE DO ENCONTRO DAS DIFERENÇAS

Mariana Vilhena de Faria

Mestranda em Geografia pela Universidade Federal da Bahia – UFBA
marimd2@hotmail.com

Nathan Zanzoni Itaborahy

Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais nathansalamandra@hotmail.com

Resumo

O artigo galga compreender como ocorrem as relações sociais dos jovens, durante seus tempos livres, no bairro Santo Antônio, Juiz de Fora (MG). O bairro é frequentemente apontado como lugar de violência e de narcotráfico, o que justifica a ações de ONGs e instituições de assistência social que, com o intuito de amenizar os riscos sociais aos quais os jovens se expõem, ocupam seus tempos livres, além de fazer com que os jovens referenciem seu lazer em outros locais da cidade, em sua maioria privados. Entendendo esse espaço (bairro) e seus sujeitos (jovens) como possibilidades e latências, a proposta é, a partir da análise dos discursos dos jovens, afirmar uma visão cotidiana e democrática da política que acontece no encontro dos sujeitos no espaço público.

Palavras-chave: Jovens. Espaço. Tempo livre.

Abstract

The aim of this article is understand how social relations of the young people in their spare time in Santo Antônio neighborhood in Juiz de Fora - MG, happen. The neighborhood is often remembered as a place of violence and drug traffic, a view that justifies the actions of ONG's and charities in order to mitigate the social risks which this young people are exposed, occupying their spare time and also making them reverence their leisure in other places of the city, mostly private spaces. Understanding this space (neighborhood) and their subjects (young) as possibilities and latencies, the proposal based on the analysis of discourses of youth, is to affirm a daily and democratic view of politics, that can happen with the meeting between people in public spaces.

Keywords: Young people. Space. Spare Time.

Introdução

Sabemos das dificuldades enfrentadas pela população da periferia das grandes e médias cidades brasileiras: do precário acesso ao mercado de trabalho e falta de recursos, à escassez de serviços públicos de saúde e educação e chegando na falta de equipamentos públicos de lazer.

O fato é que o viver na cidade gera percepções e representações espaciais, assim como formas diferenciadas de existência em cada lugar. Do mesmo modo que o espaço segrega e condiciona a vida da população, esta, a cada momento, transforma-o, usa-o, se apropria e nele se encontra e socializa. Parte-se da premissa básica do espa-

ço como instância social (SANTOS, 1978), como uma determinação ou condição humana que, ao mesmo tempo, traz consigo as “rugosidades” da história da vida social e determina ou condiciona o acontecer humano.

A produção espacial no sistema capitalista se dá de forma desigual, seguindo seus sentidos fundamentadores. O que se vê nas morfologias urbanas é a existência de uma população que vive afastada dos centros das cidades e dos locais de trabalho, em bairros cuja infraestrutura básica é frágil (do ponto de vista sanitário, de saúde, educacional, dentre outros).

A pobreza, a limitação de oportunidades, a violência e todo esse precário quadro estrutural já comentado, acaba, muitas vezes, por fortalecer as relações de vizinhança, dando uma centralidade ainda maior ao contato e/ou encontro e, portanto, às relações interpessoais, que se constituem inclusive em forma de lazer. O autor evidencia este fato na passagem abaixo:

[...] uma população sujeita às oscilações do mercado de trabalho e a condições precárias de existência é mais dependente da rede formada por laços de parentesco, vizinhança e origem. Essa malha de relações assegura o mínimo vital e cultural que assegura a sobrevivência, e é no espaço regido por tais relações onde se desenvolve a vida associativa, desfruta-se o lazer, trocam-se informações, pratica-se a devoção – onde se tece, enfim, a trama do cotidiano (MAGNANI, 1998¹ apud FRANCH, 2002, p. 122).

A dinâmica da vida de bairro, na qual as pessoas se conhecem e vivenciam experiências comuns, favorece as relações entre os indivíduos e pode se tornar uma forma de lazer bastante significativa, principalmente em contextos com falta de recursos financeiros e espaços para o lazer. A conversa no portão, o encontro nas casas e na própria rua são as maneiras encontradas pela população para ocupar o tempo, o que acaba por fortalecer os vínculos e contribuir para a formação pessoal de cada um.

Essa dinâmica é mais difícil de ser observada em bairros de maior poder aquisitivo, já que nesses locais as pessoas possuem diversas outras ocupações ou preferem frequentar espaços privados em detrimento da permanência no bairro, fato que cria outra dinâmica na vida cotidiana destes sujeitos.

¹ MAGNANI, J.G.C. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. 2. ed. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1998.

Fica clara a distinção do cotidiano dos jovens dos bairros das classes média e alta se comparado aos dos bairros economicamente pobres: estes situam seu lazer no espaço mais próximo, no próprio bairro, lugar da identidade que se desenvolve no encontro, na (con)vivência e nas redes de solidariedade.

Assim, o que se pretende neste trabalho é discutir quais são as atividades de lazer oferecidas e praticadas pelos jovens da periferia da cidade de Juiz de Fora, pensando na centralidade e na importância das relações interpessoais para essa população e como estas se refletem sobre a realidade dos jovens do bairro Santo Antônio nessa mesma cidade.

Nos anos de 2010 e 2011 foi desenvolvida a pesquisa “*Jovens e cidades: um estudo em Juiz de Fora*”². Trata-se de um estudo comparativo entre os sentidos e as representações da cidade para os grupos de dois bairros considerados de classe média e classe alta (Granbery e Bom Pastor) e dois bairros considerados economicamente pobres (Vila Esperança II e Santo Antônio) e as formas como estes grupos de jovens se territorializam, se apropriam, usam e vivenciam o espaço.

Sobre a metodologia e o território da pesquisa

Fez-se um recorte metodológico enfocando as entrevistas realizadas no bairro Santo Antônio que, além de chamar atenção por algumas ações dos sujeitos jovens em seus tempos livres, foi vivenciado de maneira mais direta pelos autores deste artigo, fato que gerou certa aproximação com a realidade vivida.

O Santo Antônio é um dos primeiros bairros de Juiz de Fora e se localiza na região leste da cidade, saída para a BR-267 e situado a 4 km da região central. O bairro teve um aumento significativo de sua densidade populacional depois de uma desapropriação realizada pela prefeitura municipal no bairro Teixeiras (zona oeste da cidade), que fez com que grande número de moradores migrasse para o Santo Antônio e lá constituíssem suas casas. O Mapa 1 apresenta a imagem georreferenciada do bairro, utilizando a base de dados do *Google Earth*.

² Projeto financiado pelo Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq e pela Pró-Reitoria de pesquisa da UFJF.

Mapa 1 – Imagem georreferenciada da área do bairro Santo Antônio



Fonte: Arquivo do grupo NuGea, 2010

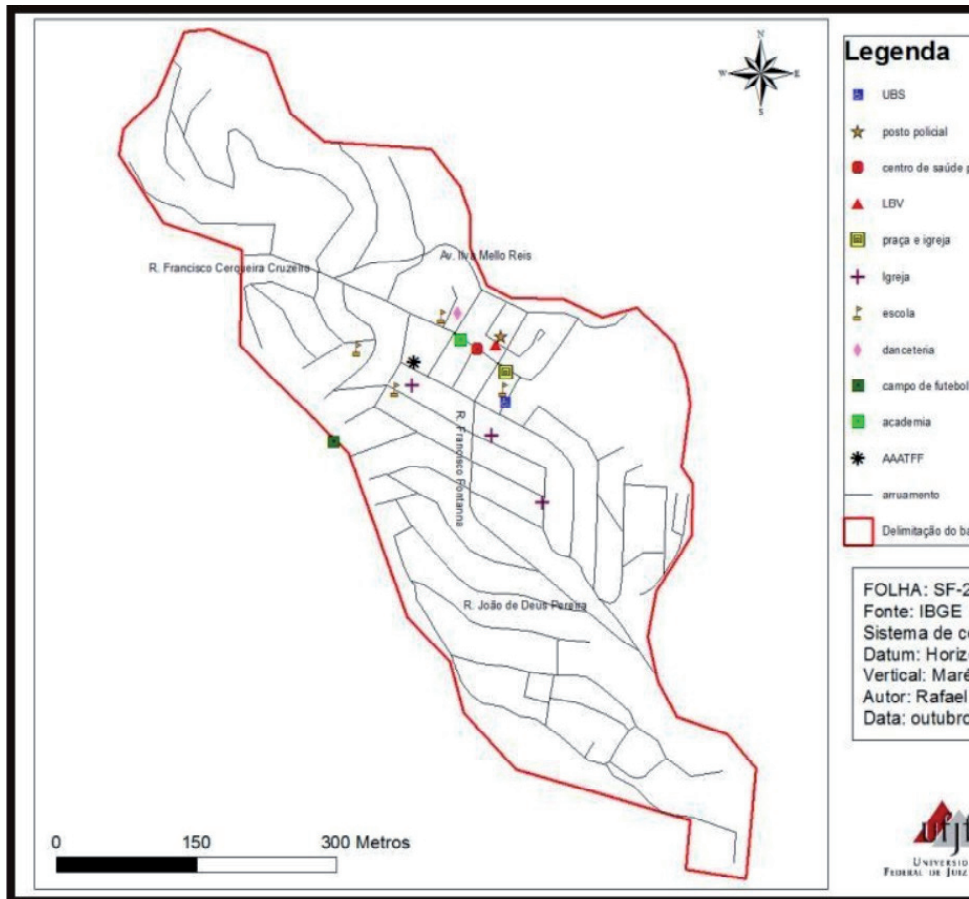
Cerca de 8.700 pessoas, em 1.130 residências, vivem no bairro, hoje, o que lhe confere um caráter basicamente residencial. Sua população é predominantemente pobre financeiramente e composta por trabalhadores que se deslocam diariamente para outros locais, em função do trabalho ou em busca de serviços específicos que o Santo Antônio não possui.

O lazer público encontrado no Santo Antônio relaciona-se ao uso do campo de futebol, pois existem times formados regularmente que usufruem desse espaço, e ao uso da praça, que é o grande ponto de encontro dos moradores do bairro. A rua também é um espaço de lazer importante³.

³ É relevante ressaltar que entendemos a rua como um espaço público que pode, dentre outras coisas, ser destinado ao lazer, sendo essa concepção reforçada no contexto dos bairros de periferia como o Santo Antônio, onde é fácil de se encontrar crianças e jovens nas ruas.

Na praça existe uma quadra esportiva (que é utilizada pela da Escola Municipal Dante Jaime Brochado), a escola municipal (Edite Freire), a Igreja Católica do bairro, uma Unidade de Atenção Primária à Saúde e o Centro de Saúde Popular (efetivado por uma ONG da Faculdade Suprema). Além disso, a LBV (Legião da Boa Vontade) está presente na comunidade realizando trabalhos assistenciais com os moradores. Existem ainda no local, algumas pequenas escolas particulares (geralmente destinadas à educação infantil), muitas igrejas (principalmente evangélicas) e um comércio modesto (Mapa 2).

Mapa 2 – Visualização dos equipamentos públicos e privados do bairro.



Fonte: Arquivo do grupo NuGea, 2010

Quanto ao lazer privado, tem-se uma academia de musculação, uma danceteria, duas *lan houses* – locais onde os jovens usufruem do acesso a *internet* – e muitos bares próximos a praça. A região dos bares ficou conhecida pelos moradores como “*cracolândia*”, que já nos aponta a problemática das drogas no local. A capoeira também é uma forma importante de lazer para os moradores do bairro Santo Antônio, principalmente para os jovens, existindo dois grupos fortes desta atividade. Por último, vale ressaltar a existência de uma escola de samba, à qual muitos moradores dedicam tempo e trabalho e que pode também assumir a função de lazer.

O objetivo é, a partir da análise dos discursos dos jovens do bairro Santo Antônio sobre o tema, compreender como é aproveitado o tempo livre destes sujeitos, a relação que esse tempo livre mantém com os encontros entre eles e o sentido espacial dos encontros, ou seja, onde (e por que) se encontram, além dos fatores territoriais e espaciais que motivam ou atenuam a socialização juvenil do bairro.

Para tanto, em um primeiro momento, levantaram-se informações sobre o bairro em fontes locais, traçando um pequeno histórico. Seguiu-se uma observação participativa na qual os pesquisadores, juntamente com uma moradora, mapearam os equipamentos do bairro, como escolas, postos de saúde, praças, campos de futebol, dentre outros.

Realizadas as entrevistas, os dados quantitativos foram devidamente tratados e analisados em conjunto com as transcrições das mesmas. A análise das entrevistas foi feita em grupo, elencando palavras-chave comuns entre os discursos. No último momento, enfatizou-se as falas que tratavam de lazer e tempo livre, para a formatação do presente artigo.

Apresentaremos a análise dos discursos dos jovens em conjunto com um esforço teórico e conceitual da pesquisa ao longo do artigo, com o intuito de estabelecer conversas entre os autores que inspiraram a criação do grupo e a realidade da vida no bairro.

Desenvolvimento: o lazer na vida e na representação dos jovens do bairro Santo Antônio

Inicialmente é preciso situar que o pensamento que predomina atualmente sobre a juventude diz respeito a ideias como agressividade, falta de controle e violência. É importante dizer que não é o mesmo pensamento que opera quando se fala de jovens pobres e jovens ricos. Os jovens pobres⁴ são os mais associados à violência, ao mundo das drogas em geral e ao ócio pensado de forma pejorativa.

Como é bem sabido, a consideração da juventude como problema está presente tanto no senso comum como nas ciências voltadas ao estudo das sociedades, tornando-se mais evidente ainda no caso dos jovens de periferia, que aliam à condição juvenil, percebida como potencialmente problemática, o estigma de pertencerem a um estrato social identificado com a criminalidade. (FRANCH, 2002, p. 2).

A partir do século XIX, a escola é a forma adotada pelos adultos para conter os ânimos da juventude burguesa. Essa fase passa a ser entendida como um período de escolhas, de formação e do não trabalho. O mesmo não se aplica à juventude operária que, sem tempo para decidir sobre os rumos de seu futuro, tem seus “impulsos” controlados através do trabalho, da ação policial, além de atividades desportivas que muitas vezes não contribuem para a autonomia e a formação intelectual desses indivíduos.

Nesse sentido, de alguma forma, conseguimos nos aproximar da realidade observada nos dias de hoje, na qual os jovens burgueses vivenciam uma fase ligada à liberdade, aos estudos e ao lazer e os jovens pobres precisam, na maioria dos casos, se dedicar às atividades laboriosas.

Temos aí dois aspectos da juventude contemporânea: a liberdade (que geralmente está mais ligada à juventude burguesa) e a responsabilidade (característica mais forte na juventude pobre). Muitas vezes, os jovens convivem com esses dois aspectos de forma simultânea, uma vez que precisam trabalhar, estudar e garantir seu futuro, mas também querem sair, se divertir, viajar, conhecer pessoas, dentre outros. Como demonstra em suas falas a jovem M. de 19 anos:

⁴ Quando qualificamos os jovens como pobres, estamos unicamente falando da pobreza econômica.

M.: “Ah é, primeiro lugar assim você tem que ter liberdade, sua vida, seu momento. [...] Responsabilidade para trabalhar cedo para não ficar dependente de minha mãe. (entrevista concedida ao NuGea, 2010).

Em conformidade com tais ideias, Cassab (2009) disserta sobre como os jovens de sua pesquisa conceituam a juventude, ou seja, como se veem nesta fase da vida⁵:

[...] juventude se associa a um momento da vida, a uma fase de transição, pois ser jovem “é estar dividido entre ser criança e ser adulto”. Essa “divisão”, por sua vez, é marcada por um duplo sentido: o de diversão e o de responsabilidade. A juventude, portanto, aparece como um momento único, no qual seria possível conjugar essas duas características. Assim, ao mesmo tempo em que a juventude é dita como “fase de curtir a vida” também é identificada como sendo o “momento em que você tem que ter responsabilidade” (CASSAB, 2009, p. 117).

De fato há na colocação da “fase de curtir a vida” um sentido de socialização muito forte. A fase é de se divertir com quem, assim como eu, também é jovem e vive esta transição, ou seja, a juventude se socializa de forma intensa e a identidade é começo e fim desse processo, já que ela garante o “com quem” vou curtir e, a partir da vivência em comum, novas identidades se fazem. Comprova-se essa colocação com os inúmeros grupos identitários juvenis, tais como os de *punk*, *gospel*, *rap*, *hip-hop*, capoeira, e uma infinidade de estilos e tendências que aproximam e identificam esses sujeitos.

Concomitantemente, os próprios jovens do bairro Santo Antônio reconhecem que não possuem o mesmo tempo que os jovens dos bairros nobres para fazerem escolhas, estudarem e refletirem sobre projetos de futuro.

L.: “Mesmo se você, vamos supor, você faz um curso e não passa, eles podem fazer de novo. A gente não, a gente tem que se dedicar mais as coisas porque a gente não tem essas oportunidades assim.”

Assim, muitas vezes a juventude da periferia sente necessidade de se inserir o mais cedo possível no mercado de trabalho, inclusive porque isso lhes da outra

⁵ As expressões entre aspas são recortes das falas dos jovens entrevistados pela autora.

perspectiva na sociedade. Eles deixam de representar uma ameaça ao bem-estar social “ já que trabalhando não dispõem de tempo livre para agir violentamente, se envolverem com o tráfico de drogas, dentre outros” e passam a ser minimamente respeitados, ao menos dentro da comunidade, como fica claro nas respostas abaixo, dadas por dois jovens quando perguntados sobre o que muda com o trabalho:

J. V.: *“Mudou, essa questão de respeito. Muda, muda muita coisa.*

Dá mais valor pra você né?”

Na fala abaixo, M. evidencia como o trabalho permite a independência: quem trabalha tem seu próprio dinheiro e pode sair à noite, comprar o que quiser, ou seja, tem a liberdade de usar seu salário para o que quiser.

M.: *Ah, mãe me dá dinheiro para ir não sei aonde? Me dá dinheiro para ir não sei aonde? Não acho certo não.”*

Entretanto, estamos cientes da precariedade das condições do mundo do trabalho nesse tempo presente. Tal fato ocorre para todas as classes sociais, mas atinge especialmente os pobres que têm sua inserção no mercado de trabalho ainda mais comprometida. Muitos desses jovens nem mesmo conseguem entrar nesse mercado e acabam utilizando o seu tempo de outras maneiras.

Vemos assim que a utilização do tempo e do espaço acontece de maneira distinta para cada pessoa, como nos fala Santos (2002, p. 160): “o espaço é que reúne a todos, com suas múltiplas possibilidades, que são possibilidades diferentes de uso do espaço (território) relacionadas com possibilidades diferentes de uso do tempo.”

O autor trata em algum de seus escritos as diferentes forças que afetam o lugar e que acabam por conformar o espaço do homem. Para Santos (1994):

As horizontalidades serão os domínios da contigüidade [*sic*], daqueles lugares vizinhos reunidos por uma continuidade territorial, enquanto as verticalidades seriam formadas por pontos distantes uns dos outros, ligados por todas as formas e processos sociais (SANTOS, 1994, p. 256).

O espaço banal ou território usado (SANTOS, 1994) é o local no qual se dão as horizontalidades,

entendidas aqui não só como o contato de vizinhança, mas como uma possibilidade de resistência às imposições trazidas pelas verticalidades.

Acreditamos que os jovens constroem as horizontalidades de forma intensa, já que nessa fase a comunicação e a convivência são potencializadas. Entendemos que é no espaço público que se constroem as horizontalidades do lugar. Esse contato é visível no bairro e nas falas dos jovens.

É assim que jovens como J. V., R. e seus amigos passam o tempo convivendo entre si: conversando, andando de *skate*, jogando futebol e se encontrando nas casas de cada um. Esses jovens já experimentaram, cada um ao seu modo, abandonar os estudos (por serem, muitas vezes, incompatíveis com outras atividades) e partir para o universo do trabalho, porém não conseguiram se manter nesse ambiente e decidiram viver por determinado período fazendo bicos e com uma disponibilidade de tempo livre maior. Nesse caso, a rua e a casa dos amigos se transformaram nos espaços mais usados por esses jovens.

A falta de compromisso do Estado com o bem-estar da juventude deixa grandes lacunas na formação desses jovens e transforma a rua, um lugar com alto potencial de sociabilidade, em um ambiente obscuro, ligado à vagabundagem e propício para a prática de atos violentos e envolvimento com o tráfico de drogas. Também transforma o tempo livre em vilão para as pessoas que se encontram nessa fase da vida, de maneira que os próprios jovens incorporam essa visão, quando nos dizem:

J. V.: *“Cursos. Se não quer trabalhar, cursos a galera faz. Um meio de ocupar o tempo livre porque tempo livre para jovem...”*

L.: *“É, mas aí eu quero fazer um curso, mas eu quero trabalhar. De tarde eu tenho tempo livre, então à tarde eu quero trabalhar. Mas assim, nada na vida da gente é fácil, eu tenho que fazer sacrifícios. Lógico que eu vou ficar cansada, mas isso tudo vai ter uma bela recompensa no final.”*

O contato com as leituras de Milton Santos, Hannah Arendt, dentre outros e a vivência em um bairro da periferia da cidade de Juiz de Fora nos mostram que a noção de rua como um perigo não pode ser encarada superficialmente e sim de maneira crítica e atenciosa.

Como já dito, a convivência pode, assim como outras atividades, se transformar em potencial fator de formação nos bairros da periferia das cidades, onde

as relações interpessoais possuem uma importância dificilmente observada em outras áreas. Isso porque é através da troca de experiências, de emoções e de frustrações, que os indivíduos conseguem ser vistos e ouvidos e assim estreitam seus laços através das relações de vizinhança, de amizade e, até mesmo, de parentesco.

Seguindo esse pensamento, tem-se em Arendt (2010, p. 61) que “a presença de outros que vêem [sic] o que vemos e ouvem o que ouvimos garante-nos a realidade do mundo e de nós mesmos”. Por isso, é preciso considerar que o tempo livre, quando não é preenchido por atividades formais, nem sempre representa uma ameaça e/ou perigo aos jovens, reconhecendo assim a importância da vida comunitária em bairros pobres.

O papel da vizinhança na produção da consciência é mostrado por J. Duvignaud, quando identifica na “densidade social” produzida pela fermentação dos homens em um mesmo espaço fechado, uma “acumulação que provoca uma mudança surpreendente” movida pela afetividade e pela paixão, e levando a uma percepção global, “holista”, do mundo e dos homens. (SANTOS, 2002, p. 318).

Entendemos as relações interpessoais como indispensáveis para a formação dos indivíduos e para o desenvolvimento de solidariedades e/ou horizontalidades em locais onde ela é ainda mais necessária. Nesse sentido, “Importante elemento no viver social juvenil, a conversa cotidiana permite aos jovens elaborarem visões de mundo compartilhadas, negociarem significados e criarem as cumplicidades que alimentam a existência dos diversos grupos de amigos” (FRANCH, 2002, p. 6) ou ainda,

[...] o lazer para os jovens aparece como um espaço especialmente importante para o desenvolvimento das relações de sociabilidade, das buscas e experiências através das quais procuram estruturar suas novas referências e identidades individuais e coletivas. É um espaço menos regulado e disciplinado que o da escola, do trabalho e da família. O lazer se constitui também como um campo onde o jovem pode expressar suas aspirações e desejos e projetar um outro modo de vida. Podemos dizer assim, que é uma das dimensões mais significativas da vivência juvenil (ABRAMO⁶, 1994 apud CASSAB, 2009).

⁶ ABRAMO, H. W. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1994.

Os espaços públicos do bairro têm, então, uma função de lazer bastante associada à convivência e ao diálogo (informalmente encarado como bate-papo, conversas), que abrange o compartilhamento de várias esferas da vida, como por exemplo, as esferas social, econômica, cultural e principalmente territorial, uma vez que estamos tratando de um território comunitário. De acordo com Gomes (2005):

Produzir uma vida urbana é dar alguma unidade a essa multiplicidade, ou seja, é produzir sentido dentro da variedade de ações e práticas sociais que ocorrem dentro desse vasto quadro de possibilidades oferecido pelo espaço urbano. Esses sentidos só podem surgir através do encontro variado e do diálogo livre; em outros termos, só pode haver verdadeiramente vida urbana se houver um lugar de expressão da variedade” se a cidade voltar a falar através de seus espaços públicos. (GOMES, 2005, p. 264- 265).

Continua o autor:

Se aceitarmos que o espaço público tem como uma de suas características essenciais a reunião de um universo quase infinito de diferenças próprio às pessoas que aí habitam, o passo seguinte é compreender como essa reunião de diferenças sobre um mesmo espaço pode ser possível e legítima. De uma forma muito simples, podemos dizer que as pessoas, que compartilham esse espaço, encontram como forma para conviver, o estabelecimento de acordos que delimitam comportamentos e práticas. Esses acordos são regulares, coercitivos e, dentro de uma certa medida, logicamente legitimados. Eles estabelecem os limites, a forma e os códigos de expressão dessas diferenças. (GOMES, 2005, p. 251)

Assim, muitas vezes a experiência da vida pública pelas ruas e pelos poucos espaços coletivos do bairro pode originar também o estabelecimento de relações horizontais, baseadas em uma solidariedade orgânica.

No Santo Antônio, os moradores se organizaram para que eles mesmos pudessem manter a quadra de esportes em bom estado de conservação. Segundo os jovens entrevistados, uma vez que o poder público não consegue cuidar dos poucos equipamentos públicos do bairro, eles mesmos precisam assumir essa responsabilidade. Dessa maneira, cada um que pretender praticar esporte no local, deverá pagar R\$1 ao morador responsável por gerenciar o dinheiro e comprar os ma-

teriais necessários para deixar a quadra sempre bem cuidada e pronta para o uso.

A quadra de esportes do bairro, bem como a praça e o campo de futebol, são espaços de intensa socialização para os jovens do Santo Antônio. Eles também frequentam outros espaços públicos situados em várias partes da cidade, onde são realizados shows e demais eventos culturais, como a Praça Antônio Carlos e o Parque Halfeld, ambos localizados na região central de Juiz de Fora.

Dessa forma, a cidade é encarada por esses jovens como uma cidade “boa de se viver” e isso se dá, principalmente, a partir das questões ligadas ao lazer, mesmo que muitas das vezes as atividades de lazer citadas não estejam ao alcance desses jovens, como é o caso das boates caras, dos shows e eventos pagos. As falas a seguir explicitam a ideia:

N.: *“Ah, porque assim, aqui tem, é de vez em quando tem umas festas ali no Centro, dá pra você ir pra curtir um pouco, dá pra aproveitar bastante a cidade.”*

R.: *“Ah, pra mim também é bom, pelos mesmos motivos dele. Tem muito lugar, tem evento e tal, bastante escola, hospital. As coisas mais interessantes que tem pra você curtir, precisa de ter dinheiro. Ai é complicado. A gente não trabalha ainda, mas dá, tem uns eventos que dá. As vezes é mais barato, tem uns que é de graça. Mas é bom, a cidade aqui é boa.”*

Observa-se assim que as qualidades e defeitos da cidade de Juiz de Fora são vistos especialmente sob o prisma do lazer para os jovens, fato que talvez não se aplique a pessoas em outras fases da vida, como os adultos, que possivelmente enxergariam mais as possibilidades de trabalho e a qualidade de vida para qualificarem a cidade onde vivem.

Vemos, então, que a vida democrática está estreitamente ligada à existência, ao funcionamento e ao uso dos espaços públicos. A ideia de que a rua e esses espaços são um convite à delinquência e à violência também existentes nesses locais provoca um esvaziamento no sentido físico e no sentido de democracia da sociedade.

É indispensável afirmar que, muito mais do que a violência real, paira sobre os jovens um mito sobre a violência: em diversas afirmativas eles se referem ao bairro como violento, depois se contradizem em colocações de que o bairro é tranquilo para os que nele vivem, que se encontram na praça (em outra afirmativa

o território do narcotráfico) e contam diversas brigas ocorridas em outros locais que não o próprio bairro.

Muito mais do que a violência de fato (ou as ocorrências violentas), é a percepção, a representação e a valorização que a sociedade faz dessa violência (com um grande auxílio da mídia sensacionalista) que afastam os jovens da rua, ou que justificam o rótulo da juventude como sendo problemática e violenta. E o reflexo espacial é o esvaziamento dos espaços públicos, vistos para nós como espaços de política.

Compreendemos a política como atividade social, como condição humana, que se dá no território usado ou espaço banal. Para Arendt (2010) o homem é por natureza um animal social ou político, sendo suas qualidades essenciais a ação e o estar juntos: “nenhuma vida humana, nem mesmo a vida do eremita em meio à natureza selvagem, é possível sem um mundo que, direta ou indiretamente, testemunhe a presença de outros seres humanos” (ARENDR, 2010, p. 26).

Segundo a autora, a necessidade de se estar com o outro é uma característica exclusivamente humana e para isso os espaços públicos (entendidos como os espaços de todos e não os espaços de ninguém) oferecem oportunidades únicas de (con)vivências. Experimentar a vida com o outro, significa conviver com as diferenças, com o exercício da alteridade, altamente educativo e preparador para a realização da democracia e da política, saindo assim de ambientes privados que, frequentemente, proporcionam apenas a vivência entre “iguais”.

Ainda sobre o espaço público e suas funções nos lembra Gomes (2005):

Esse espaço é, pois, nas sociedades modernas, a base e a condição fundamental para a experiência da liberdade individual, vivida dentro de uma coletividade plural. Compreende-se assim a importância e necessidade da existência e do funcionamento desse espaço público para a democracia (GOMES, 2005, p. 251).

A utopia possível, no nosso entendimento, está no contato entre os homens, intensificado na juventude, que desfruta de uma alta densidade comunicacional (SANTOS, 1996). Tirá-los da rua, independente da motivação, é, além de uma generalização do sentido da juventude como problemática, negar o sentido político da horizontalidade, do espaço público e do tempo livre do jovem.

A experiência com os jovens do Santo Antônio possibilitou a visualização das horizontalidades as quais Milton Santos se refere. Fica claro que os espaços

públicos, sobretudo a rua, são espaços privilegiados para o encontro da juventude e que nesse encontro a política se faz naturalmente.

Considerações Finais

Procuramos, neste artigo, desmitificar a rua como um espaço que deva ser evitado e nunca frequentado. A rua é interpretada como o mais perigoso espaço a ser utilizado pela juventude nos dias de hoje. Por isso falamos aqui da importância da convivência, do estar com o outro, do viver no bairro, dos bate-papos, já que todas essas atividades fazem parte da existência humana.

Isso não quer dizer que condenamos as práticas esportivas, religiosas, ligadas à música e tantas outras que auxiliam na emancipação e na educação da juventude. As ONGs e as demais instituições podem realizar trabalhos muito importantes, inclusive ofertando acesso a atividades mais formais para o preenchimento do tempo livre da juventude pobre.

Entretanto, as organizações institucionais não são o único caminho, pois em algumas ocasiões podem servir apenas para manter a ordem social e o controle sobre a juventude, em detrimento da participação na verdadeira transformação social que esses jovens precisam em suas vidas, com a presença de perspectivas e projetos para o futuro.

Lembramos que é do conflito, e não da ordem, que se faz a transformação social. O encontro não tem como fruto só o vício em drogas e o acesso aos males sociais, ao contrário, é dele que nascem os símbolos e propósitos sociais, sendo possível, somente a partir dele, pensar um espaço do homem democrático e justo.

O exemplo do bairro Santo Antônio nos mostra que realmente a juventude vive o conflito de enxergar a rua como um espaço de diversão e de medo. Ao mesmo tempo, porém, reaviva nossas utopias com a constatação de que a rua e os espaços públicos ainda são representados como locais de diversão e de encontro, e que neles a política e a horizontalidade são práticas cotidianas.

Referências Bibliográficas

ARENDRT, H. **A condição humana**. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CASSAB, C. **(Re) construir utopias: jovem, cidade e política**. 2009. 228f. Tese (Doutorado em Geografia)– Universidade federal Fluminense, Niterói, 2009.

FRANCH, M. Nada para fazer? Um estudo sobre atividades

no tempo livre entre jovens de periferia no Recife. **Revista brasileira de estudos de população**, Rio de Janeiro, v.19, n.2, p. 117-133, jul./dez. 2002.

GOMES, P. C. C. O silêncio das cidades: os espaços públicos sob ameaça, a democracia em suspensão. **Revista cidades**, Presidente Prudente, v. 2, n 4, p. 249-265, 2005.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec, 1978.

_____. "O retorno do território". In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: HUCITEC, 1994.

_____. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 2002

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Record, 2007.